

**Estágio de Edição de Texto em Gabinete de Cultura
e U.Porto Edições**

Manuel José Pimenta de Oliveira Caramelo

**Relatório de Estágio de Mestrado em
Edição de Texto**

Maio, 2018

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários á
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob orientação do
Professor Fernando Cabral Martins

Agradecimentos

Aos meus pais e aos meus tios, pelo apoio incondicional e todos os esforços que fizeram por mim.

Aos meus amigos, pela força que me deram ao longo de todo este processo.

À Dr.^a Isabel Pacheco, à Dr.^a Maria José Cunha e à Dr.^a Daniela Pereira, por me terem recebido tão bem e me terem colocado tão à vontade desde o primeiro dia.

À Professora Doutora Fátima Marinho, vice-reitora da Universidade do Porto, por me ter proporcionado esta oportunidade.

Ao Professor Fernando Cabral Martins, por toda a ajuda proporcionada durante o meu percurso.

Estágio de Edição de Texto em Gabinete de Cultura e U.Porto Edições

MANUEL JOSÉ PIMENTA DE OLIVEIRA CAMELO

RESUMO

Este relatório tem como objetivo descrever as tarefas desempenhadas durante o estágio curricular realizado na editora da Universidade do Porto, U.Porto Edições, para concluir mestrado em Edição de Texto. Numa primeira parte, será feita a apresentação da entidade acolhedora. Na segunda parte, será feita uma descrição das atividades realizadas na editora, baseadas na revisão de texto, e eventuais problemas levantados durante esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: edição de texto, estágio curricular, u.porto edições, revisão.

ABSTRACT

This report's goal is to describe the tasks performed during the internship held at the University of Porto's publisher, U.Porto Edições, required to conclude the master's degree in Text Editing and Publishing. The first part of this report aims to give a brief presentation about the receiving institution. The second part aims to describe the activities developed at the publisher, all based around text revision, and problems that may have arisen during the process.

KEYWORDS: text editing, publishing, internship, u.porto edições, revision.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1: U.Porto Edições.....	3
1.1 Política Editorial	4
1.2 Catálogo	5
1.3 Propostas de Edição	5
Capítulo 2: Estágio Curricular	7
2.1 Coleção “Letras Portuguesas”	8
2.2 <i>Diálogos</i> de Francisco de Moraes.....	9
2.2.1 Capa e Contracapa	10
2.2.2 Revisão	11
2.2.2.1 Prova 4	13
2.2.2.2 Provas 5, 6 e 7	15
2.2.2.3 Provas Tipográficas, Prova 8, Segundas Provas Tipográficas, Publicação 17	
2.3 <i>Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra</i> de D. João de Castro ...	18
2.3.1 Pré-Paginação	19
Conclusão	22
Bibliografia	24
Anexos.....	25

Introdução

Terminada a componente letiva do mestrado de Edição de Texto na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e sabendo-me aprovado em todos os seminários, chegou a altura de tomar a decisão relativamente à componente não-letiva. Decidi-me pela opção do estágio curricular, não só por querer passar pela experiência do trabalho prático na vertente da edição, mas também por querer aplicar os diversos conhecimentos adquiridos ao longo dos semestres letivos.

Seguiu-se a normal atualização do currículo e o envio do mesmo para algumas editoras e redações de jornal, sendo que não tive, nesta fase, grande sucesso na obtenção de respostas. Dando prioridade a possíveis locais de estágio na cidade do Porto, é no início de agosto que surge a possibilidade de estagiar na U.Porto Edições, editora da Universidade do Porto. Consegui entrar em contacto com a Vice-Reitora para as Relações Externas e Cultura da Universidade do Porto, responsável máximo pela editora, que se mostrou muito amável e disponível para me acolher no edifício da reitoria.

Com a data de início marcada para 31 de outubro de 2017, restou-me tomar a iniciativa de saber um pouco mais sobre a U.Porto Edições. Pesquisei um pouco acerca do seu catálogo e da sua política editorial, de forma a estar preparado para o tipo de obras sobre os quais iria trabalhar.

Neste relatório, apresentarei um pouco do que é a política editorial da U.Porto Edições e de como são tratadas as propostas de edição, para além do trabalho que desenvolvi ao longo das 400 horas de estágio estipuladas. Inicialmente, estava previsto que o meu trabalho passaria pela preparação para publicação de duas obras: *Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, edição crítica de João Carlos Serafim; *A Compreensão da Língua*, de Isabel Duarte. Esta preparação para publicação incluiu revisão de texto e uniformização de estilos segundo o regulamento estipulado para a editora, organização dos ficheiros para a posterior paginação e contacto com os autores e designer/paginador. No entanto, acabei por não trabalhar no segundo livro referido, trabalhando em vez disso sobre *Diálogos* de Francisco de Moraes, uma edição crítica de Aurelio Díaz-Toledo, o qual comecei na

primeira semana de estágio, tendo ficado a meu cargo até à sua publicação. Por esse motivo, não consegui acompanhar a *Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso* até ao fim, ficando-me só pela fase da pré-paginação. Todas estas questões e problemas serão expandidos ao longo do relatório. Finalmente, será feita uma breve reflexão acerca do que assimilei ao longo destas 400 horas de estágio, acerca dos problemas enfrentados e das dificuldades com que me poderei ter deparado.

Capítulo 1: U.Porto Edições

A U.Porto Edições começa a publicar em 2005 com o lançamento de seis títulos em simultâneo, quando ainda era apenas um projeto. Ao longo dos dois anos seguintes, vai ganhar peso como editora, sob o nome de U.Porto Editorial: em 2006 apresenta oficialmente o seu site e participa pela primeira na Feira do Livro do Porto; em 2007 torna-se membro fundador da Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior e dá-se a constituição do primeiro Conselho Científico e Editorial. É em 2009 que a U. Porto Editorial passa a ter uma nova chancela e muda o seu nome para U.Porto Edições, começando a trabalhar nos primeiros projetos multidisciplinares e publicando as primeiras obras com edição simultânea em papel e versão eletrónica. Também como parte desta reformulação da editora, foram disponibilizados online todos os títulos publicados até 2007, em livre acesso, e passou a ser possível adquirir novas obras através de bibliotecas estrangeiras, mediante descarga eletrónica.

Na altura, várias faculdades ligadas à Universidade do Porto contavam com atividade editorial própria, como era o caso da Faculdade de Letras, da Faculdade de Engenharia ou da Faculdade de Arquitetura. No entanto, ao longo do tempo, as editoras dessas faculdades foram desaparecendo e passou a ficar a cargo da U. Porto Edições a publicação de obras que, anteriormente, seriam publicadas por esses serviços editoriais mais especializados de cada escola da universidade. Atualmente, o objetivo da editora é atingir uma marca de cerca de dez obras publicadas anualmente, conseguindo frequentemente andar em redor desse número de publicações por ano e, em alguns anos, chegou mesmo a ultrapassá-lo. Sendo que se trata de uma editora consideravelmente pequena, contando atualmente com apenas três pessoas no seu gabinete, é um objetivo bastante realista.

Neste momento, o regulamento da U.Porto Edições estabelece a missão da editora como sendo a de definir e concretizar a política editorial da Universidade do Porto ao publicar, quer em suporte papel ou digital, obras de interesse académico, científico, cultural e pedagógico, da autoria quer de membros da comunidade académica (e, preferencialmente, ligados à Universidade do Porto), quer de todas as

pessoas a que isso se proponham, enaltecendo sempre o conhecimento produzido na universidade e a sua história.

1.1 Política Editorial

De forma a executar o objetivo definido de publicar obras relevantes nos contextos cultural, científico, académico e pedagógico, o regulamento da U.Porto Edições estipula alguns princípios gerais para a sua política editorial. São esses princípios:

- a) promover a publicação de estudos produzidos pela Universidade, no cumprimento das suas atribuições: formação académica, investigação científica, ações de prestação de serviços à comunidade;
- b) publicar estudos de reconhecida qualidade científica produzidos no âmbito das várias áreas;
- c) intervir na divulgação do saber científico, técnico e artístico, através do estímulo à edição de obras dirigidas a públicos tendencialmente vastos e diferenciados;
- d) intervir na promoção do património e divulgação da ação da Universidade do Porto;
- e) promover a edição de obras de referência não reeditadas;
- f) promover a edição de obras destinadas ao ensino e educação universitária;
- g) desenvolver atividades e iniciativas de índole cultural, pedagógica e promocional que se enquadrem nos seus fins.

Para além disto, está também estabelecido que todas as obras a publicar pela editora terão de ser sujeitas a uma avaliação de mérito, seja por entidades internas ou externas à própria Universidade do Porto, exceto quando os materiais a editar dispensem um parecer científico, como é o caso de catálogos de exposições, por exemplo. As obras estão ainda sujeitas a uma apreciação por parte de um Conselho Científico e Editorial que avaliará o interesse, atualidade e adequação à missão editorial da editora e, derradeiramente, é mediante o resultado dessa apreciação que será decidida a publicação, ou não, da obra. Depois disso, estabelece-se ainda que a

divulgação da obra ao público e ao mercado livreiro é total responsabilidade da U.Porto Edições.

1.2 Catálogo

O catálogo da U.Porto Edições, sendo esta uma editora ligada a uma universidade, baseia-se principalmente em livros técnicos, catálogos de exposições, coletâneas de conferências e estudos críticos, com algumas edições bilingues, como é o caso de *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, de Maria de Lurdes Fernandes e Luís Fardilha, o número 0 da coleção “Letras Portuguesas”, coleção essa em que estão inseridas as duas obras em que trabalhei ao longo do estágio. Este catálogo está dividido em vários temas, que incluem: artes, ciências exatas e naturais, direito, engenharia e tecnologia, medicina e saúde, entre alguns outros assuntos. Em virtude de ter agregado em si as editoras das várias faculdades pertencentes à universidade, todas as obras publicadas por essas editoras são também consideradas como parte integrante do catálogo atual da U.Porto Edições.

A linha editorial da U.Porto Edições é habitualmente organizada em coleções e séries, cada uma englobando obras de diferentes tipos de estrutura e conteúdo e cada uma possuindo um desenho gráfico próprio e distintivo que fica previamente definido. Sendo que os autores terão sempre o direito de se pronunciar acerca do arranjo gráfico, a decisão final nesta matéria, no entanto, caberá invariavelmente à editora tendo em conta o grafismo que define cada coleção por si publicada.

1.3 Propostas de Edição

O regulamento da U.Porto Edições define algumas normas para a apresentação das propostas de edição por parte dos autores. Primeiramente, todas as obras apresentadas à editora e que vão de encontro à sua política editorial são passíveis de publicação, sendo que os autores que se proponham a essa publicação têm de enviar à editora um conjunto de três documentos: uma proposta de edição, usando obrigatoriamente um formulário próprio da U.Porto Edições para apresentação de propostas; um exemplar em papel da versão final do texto a publicar; uma “Declaração

de Autoria e Autorização de Publicação”, devidamente assinada. Não são aceites para edição dissertações de mestrado nem teses de doutoramento e todos os manuscritos que não vão ao encontro do que é pedido no regulamento não são englobados na planificação de produção regular.

Numa segunda fase, a proposta é apresentada ao Conselho Científico e Editorial, que irá fazer uma apreciação da mesma. No caso de apreciação positiva, é responsabilidade do Conselho Científico e Editorial designar dois especialistas na área em que a proposta de edição se inclui para esta ser avaliada. Nesta fase, o autor proponente terá de enviar dois exemplares impressos da obra a editar omitindo o seu nome de qualquer parte do texto, devendo também ser enviada para a editora em formato digital. Depois do envio do texto, é solicitada aos avaliadores a emissão de um parecer qualitativo, com o prazo máximo de 90 dias.

Na terceira fase, e após ser comunicado ao autor proponente o resultado dessa avaliação, deverão ser feitas as alterações e adaptações sugeridas, dando-se início ao processo de edição. É também nesta altura que o contrato de edição deve ser preparado e assinado. O autor deve, nesse caso, entregar no gabinete da U.Porto Edições o original da obra corrigida, em formato eletrónico, acompanhado de todo o material a ser incluído na publicação seguindo um conjunto de normas que a editora indica para a entrega de materiais, como por exemplo: o manuscrito deverá ser entregue em formato digital do Word acompanhado de, pelo menos, uma versão em papel; a obrigatoriedade de aplicação do Acordo Ortográfico de 1990; no caso de existirem figuras ou outro material gráfico, as ilustrações devem ser fornecidas já com a dimensão máxima da área útil da paginação e em formato TIFF com 300 dpi e ser numeradas pela ordem em que surgem no texto; entre outras regras, que incluem a forma correta de fornecer equações, fórmulas e gráficos à editora.

Após todo este processo, a estimativa que a U.Porto Edições apresenta para a produção final de uma obra, contando a partir do momento em que é terminada a ação de avaliação do manuscrito pelos especialistas designados e é aprovada a publicação da sua versão definitiva, é de entre quatro a oito meses.

Capítulo 2: Estágio Curricular

Este estágio curricular iniciou-se no dia 31 de outubro de 2017 e terminou no dia 1 de fevereiro de 2018, tendo uma duração de 400 horas. Fui imediatamente muito bem recebido e colocado à vontade pela minha supervisora, Dr.^a Isabel Pacheco.

No meu estágio trabalhei, como já foi referido anteriormente, sobre duas obras que constituem o número 1 e 2, respetivamente, da coleção “Letras Portuguesas” da U.Porto Edições: a primeira foi *Diálogos* de Francisco de Moraes, uma edição crítica de Aurelio Vargas Díaz-Toledo; a segunda tratou-se também de uma edição crítica, da autoria de João Carlos Serafim, incidente sobre *Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, de D. João de Castro.

Na primeira destas obras, o meu trabalho incidiu na sua revisão de texto a partir da sua terceira prova, numa fase em que já o próprio autor havia feito a sua revisão ao texto e realizado algumas alterações que achou pertinentes. Não deixou, no entanto, de apresentar alguns erros e incongruências sobre os quais irei aprofundar mais à frente neste relatório, quer no estudo que precede os três diálogos, pelo facto de o autor desta edição crítica ser espanhol e estar a realizar um estudo em língua portuguesa, suscitando naturalmente algumas gralhas, quer nos próprios diálogos, por lapsos na atualização da grafia de certas palavras do manuscrito utilizado como texto base. Também acompanhei o processo da escolha da capa, sendo o intermediário entre o autor e o designer.

Relativamente à segunda destas obras, trabalhei-a apenas na fase da pré-paginação, fazendo a sua revisão e uma uniformização de estilos de acordo com as normas da editora relativamente às aspas corretas a usar, à correção de duplos espaços, entre outros e, conseqüentemente, enviando ao autor todo o texto revisto. Tratei também de organizar os ficheiros da obra em formato digital para poderem ser enviados ao paginador. Aqui foi também necessário elaborar uma folha de rosto e uma ficha técnica, que também ficou a meu cargo. Após o envio do texto revisto e organizado para paginação, deu-se a conclusão do estágio curricular.

2.1 Coleção “Letras Portuguesas”

No primeiro dia do meu estágio curricular, foram-me facultados dois documentos: o regulamento da U.Porto Edições relativo às propostas de edição e a proposta inicial relativa ao projeto para esta coleção.

A realização de uma coleção de nome “Letras Portuguesas” foi inicialmente proposta à editora da Universidade do Porto no fim do ano 2015. O principal objetivo seria o de preencher uma lacuna ao nível da publicação de textos literários importantes no contexto da cultura em Portugal, considerando-se que não haviam coleções literárias que, de um modo criterioso e continuado, garantissem a edição destes textos. Nesta proposta, são usadas a título de exemplo algumas coleções espanholas, como a “Classicos Castalia” ou a “Letras Hispánicas”, que facultam edições e reedições de uma forma sistemática e com grande qualidade científico-pedagógica de obras literárias e textos culturais de origem espanhola, num formato “de bolso” e a preços acessíveis, disponibilizando-os quer em livrarias mais especializadas, quer em livrarias comerciais.

A coleção “Letras Portuguesas” propõe-se, então, a ser uma coleção que mantenha regularidade, consistência e qualidade, conciliando o conhecimento de âmbito académico à sua divulgação a vários tipos de público. No entanto, não se propõe a ser uma coleção apenas de clássicos, mas antes de autores portugueses que se considerem de relevância para a cultura portuguesa e sujeita a critérios editoriais e filológicos que tirem partido do conhecimento produzido, preferencialmente, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Então, para além da relevância cultural das obras e respetivos autores, importa também a existência de investigação sobre essas mesmas obras e autores na Universidade do Porto ou em outras universidades.

Esta coleção iniciar-se-ia com a publicação de *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, de autoria atribuída a Álvaro Velho, numa edição especial de lançamento da coleção “Letras Portuguesas” com uma reprodução fac-símile do manuscrito original. Esta é uma edição bilingue em português e inglês conjunta com a Biblioteca Pública Municipal do Porto, que era a detentora da única cópia conhecida do texto. Esta obra viria a ser publicada em 2016, completa com um estudo introdutório e glossário, elaborados por Maria de Lurdes Fernandes e Luís Fardilha, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Em 2017, preparar-se-ia então a publicação dos números 1 e 2 desta coleção: *Diálogos* de Francisco de Moraes, numa edição crítica de Aurelio Vargas Díaz-Toledo; *Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, o Sapateiro de Trancoso* de D. João de Castro, numa edição crítica de João Carlos Serafim, com ambas as obras sendo, até aqui, pouco conhecidas e pouco estudadas e, através dos estudos que acompanham os textos, estas edições poderão também servir para apoio científico-pedagógico nas áreas de cultura e literatura portuguesas.

2.2 *Diálogos* de Francisco de Moraes (edição crítica de Aurelio Díaz-Toledo)

No primeiro dia de estágio, para além dos documentos acima mencionados, foi-me também facultada a prova 4 desta obra, a primeira a que tive acesso. Apesar de não se encontrar incluída no meu plano de trabalho inicial, acabei por pegar nesta obra a partir deste ponto e acompanhá-la até à sua publicação pelo simples facto de o trabalho de revisão do texto já estar com algum atraso quando cheguei. Nesta altura, já havia sido revista uma vez na editora e pelo próprio autor e já tinha passado pelo trabalho de paginação, portanto com algumas correções já efetuadas. O meu trabalho foi essencialmente textual, fazendo a revisão de todo o texto, incluindo as artes finais e provas tipográficas, tendo acompanhado também a escolha da capa.

Esta é uma edição crítica dos três diálogos escritos por Francisco de Moraes: *Diálogo entre um Fidalgo e um Escudeiro*, *Diálogo entre um Cavaleiro e um Doutor* e *Diálogo em Estilo Jocosos entre uma Regateira e um Moço da Estrateira*, publicados em conjunto pela primeira vez no ano de 1624. A edição agora elaborada por Aurelio Díaz-Toledo é a primeira a ter em conta as várias versões existentes destes três textos, quer impressas quer manuscritas. Importa referir, aliás, que o texto base utilizado para esta publicação dos três diálogos foi precisamente uma versão manuscrita agora pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa, a mesma que terá sido tomada como referente para a primeira edição de 1624, muito censurada na altura e não apresentando, portanto, os textos tal como Francisco de Moraes os escreveu.

Nesta obra agora publicada, inclui-se um estudo introdutório, onde o autor da edição oferece ao leitor uma contextualização histórica de cada um destes diálogos e

respetiva problemática e, para além disso, onde é oferecida uma explicação acerca das divergências textuais entre cada uma das várias edições e manuscritos de cada um destes diálogos, concluindo com os critérios de edição utilizados pelo autor na transcrição dos textos originais para esta nova edição; um glossário; uma listagem de alusões históricas para que o leitor se possa claramente esclarecer relativamente às referências históricas presentes quer no estudo, quer nos próprios diálogos, e, por fim, uma bibliografia completa e atualizada.

2.2.1 Capa e Contracapa

Apesar de não ter tido uma participação ativa na escolha da capa para esta obra, foi-me possível, ainda assim, dar a minha opinião relativamente à decisão final tomada para a capa. Inicialmente, a primeira prova de capa que me foi facultada consistia numa imagem aleatoriamente criada pelo designer através de um programa digital. Essa ideia foi rapidamente rejeitada porque, na opinião da editora, uma capa elaborada assim de forma aleatória não dava qualquer personalidade ao livro, muito pelo contrário, e isso não fazia qualquer sentido. No primeiro dia de estágio, foi-me perguntado o que eu achava daquela capa, e a minha opinião foi ao encontro da posição da editora.

Dessa forma, era necessário arranjar uma imagem que oferecesse à capa e, por sua vez, à edição carácter e individualidade nas quantidades certas. Foi-me, então, requerido que entrasse em contacto com o autor desta edição crítica e lhe pedisse que enviasse três imagens que se relacionassem de alguma forma com o texto e que o próprio autor achasse fazerem sentido para a capa da obra. Depois, de entre essas imagens, caberia à editora a escolha final. Este procedimento de pedir ao próprio autor o fornecimento de possíveis imagens de capa é algo que será feito ao longo de todos os números da coleção “Letras Portuguesas”, com o objetivo de oferecer um toque pessoal à estética de cada obra desta coleção. O processo de escolha da capa acabou por não revelar complicações de maior, sendo que após a receção das três imagens pedidas ao autor a decisão final foi tomada com alguma celeridade e aprovada pela diretora da editora.

No que toca à contracapa, é onde são colocados o texto da sinopse da obra e uma breve biografia do autor, sendo que as publicações desta coleção, por se tratarem de publicação de pequenas dimensões, quase “de bolso”, não possuirão badanas. Tratam-se de pequenos textos cujo objetivo é nada mais que transmitir ao leitor não só informação sobre o autor e a obra, mas também despertar-lhe o interesse relativamente ao conteúdo do livro. Apesar de não se tratar de uma edição dirigida às largas massas consumidores, há, ainda assim, a vontade de dar a conhecer estes diálogos a um público mais vasto, tornando-se importante que a estética exterior e o texto da sinopse despertem alguma curiosidade. Estes breves textos informativos já estavam elaborados aquando do início do meu estágio, mas, ainda assim, foi-me pedido pela minha supervisora que fizesse algumas alterações, nomeadamente na biografia do autor, por esta estar demasiado longa.

Importa ainda referir as provas de cor para a capa, que servem habitualmente para a editora ver a sua aparência final. Para esta obra, as provas de cor foram relativamente simples, sendo a única dificuldade a escolha da cor para a lombada. Não participando na aprovação, pude, apesar disso, acompanhar o processo e dar a minha opinião. Habitualmente, este é um processo realizado entre a coordenadora editorial e o designer gráfico que trabalha em colaboração com a editora.

2.2.2 Revisão

A revisão de texto foi a tarefa que ocupou a maior parte do tempo do meu estágio, sendo que durante a primeira metade destas 400 horas foram quase exclusivamente dedicadas a trabalhar sobre esta edição crítica.

Na U.Porto Edições, a revisão é feita internamente e pode ser dividida em várias fases. Numa primeira fase, o revisor faz as suas correções e sugestões, que depois terão de ser aprovadas pela coordenadora editorial, a minha supervisora. Para isto, mostrava cada correção e sugestão que fiz e, no caso das sugestões, apresentava o motivo de as ter feito. De seguida, com todas as correções aprovadas, o texto é enviado ao designer gráfico/paginador para que este possa inseri-las num ficheiro PDF. A revisão pode ser feita numa versão impressa em papel ou em PDF. Apesar de ser mais usual nesta editora

utilizar-se a versão em papel, a minha revisão desta edição crítica foi exclusivamente feita sobre a versão digital, por uma questão de preferência pessoal e praticidade.

De seguida, o paginador envia de volta o ficheiro com todas as alterações e correções introduzidas no texto e, então, é necessário verificar se todas as emendas foram corretamente inseridas. Para isso, é feita uma comparação entre ficheiros entre o que foi enviado ao paginador e o que ele devolveu. Este processo tem o nome de cotejo e é relativamente rápido e simples de fazer, especialmente tendo em conta que trabalhei sempre sobre os próprios ficheiros PDF, tornando consideravelmente mais fácil e prático o processo de comparação. Caso hajam erros na inserção das emendas ou existam mais correções por parte do revisor, o ficheiro é enviado de volta ao paginador para estas serem inseridas e repete-se o processo. Caso contrário, e mediante aprovação da coordenadora editorial, o paginador é informado que o texto está finalizado e pode ser enviado para a gráfica para impressão da prova tipográfica. Após aprovação da prova tipográfico, o livro pode, então, seguir para impressão do número de exemplares definido previamente.

As obras podem ter até cinco ou mesmo mais provas, sendo que no caso específico desta obra houve sete provas antes das provas tipográficas, quantidade essa motivada pelo facto de, durante os cotejos, eu ter continuado a encontrar elementos passíveis de correção que, anteriormente, me tinham passado ao lado. Referir ainda que, posteriormente, houve ainda mais uma prova após as primeiras provas tipográficas devido a estas apresentarem erros relevantes na impressão, algo sobre o qual irei expandir mais à frente neste relatório. Esta última prova permitiu-me ainda fazer uma última verificação e corrigir alguns erros na bibliografia.

O processo de revisão de *Diálogos* revelou-se algo moroso inicialmente, em particular no que tocou aos textos originais de Francisco de Moraes, por serem textos datados do século XVI e possuírem, naturalmente, um português notoriamente arcaico. No entanto, em virtude de esta edição, no seu todo, ser relativamente pouco extensa, pude fazer algumas leituras de maneira a habituar-me ao texto, ainda antes de começar a própria revisão. Além do mais, referir ainda o contacto constante que tive com o autor ao longo de todo o processo de revisão. Tratando-se de uma edição crítica sobre textos que o autor estudou e trabalhou durante muito tempo, para além de já estar

perfeitamente familiarizado com o autor original dos três diálogos por ter trabalhado antes sobre outro texto de Francisco de Moraes (*Palmeirim de Inglaterra*), esse contacto foi essencial para poder ter esclarecidas algumas dúvidas que se revelaram durante o processo de trabalho e, conseqüentemente, conseguir rever corretamente não só o estudo introdutório, mas, especialmente, os próprios três diálogos, que, como já referi antes, foi o elemento da obra que me causou mais dificuldades na fase inicial da revisão da obra. Também essencial foi a ajuda dos critérios de edição que o autor disponibiliza no final do estudo introdutório que faz acerca dos três diálogos, que acabou por servir como uma espécie de muleta para o esclarecimento de algumas dúvidas suscitadas sobre a grafia de certas palavras.

No que toca às várias provas, irei expor acerca delas nos subcapítulos seguintes. Devo apenas mencionar que a prova 4, a primeira prova a que tive acesso e sobre a qual pude trabalhar, foi aquela que centrou mais correções e sugestões, sendo que as subsequentes três provas implicaram consideravelmente menos emendas, apresentando apenas pequenas gralhas ou divergências nas quais eu não reparei durante a revisão da prova 4.

2.2.2.1 Prova 4

Recebi a prova 4 da edição crítica de *Diálogos* no segundo dia do meu estágio. Sendo esta a quarta prova, o texto já havia sido alvo de uma revisão por parte da editora e do próprio autor, respetivamente. Quando esta prova me chegou às mãos, não tinha qualquer conhecimento acerca dos três diálogos ou de Francisco de Moraes, tendo apenas ouvido falar da sua mais famosa obra *Palmeirim de Inglaterra* por alto durante a licenciatura. Por isso e, como já referi mais acima neste relatório, pelo facto de esta obra se tratar de uma edição crítica pouco extensa, com cerca de 180 páginas, decidi fazer duas leituras de toda a edição de forma a poder ficar minimamente familiarizado com o texto sobre o qual iria trabalhar durante a primeira parte deste estágio.

Após estas leituras de habituação ao texto, deitei, então, mãos à obra. No geral, esta não foi uma obra que tenha implicado um grande número de emendas. Implicou, no entanto, e no que toca aos textos originais de Francisco de Moraes, alguma pesquisa,

para além do já referido contacto frequente com o professor Aurelio Díaz-Toledo, autor desta edição crítica, e da ajuda dos próprios critérios de edição apresentados no próprio texto, no fim do estudo introdutório, critérios esses sobre os quais ainda irei falar neste ponto.

Relativamente à própria revisão, começemos no estudo inicial apresentado. Nesta primeira parte da obra, para além das pequenas gralhas normais que escaparam às primeiras revisões, o que suscitou mais correções foi a questão da pontuação, nomeadamente ao nível da utilização de vírgulas, por exemplo, em algumas enumerações. Para além disso, algumas expressões utilizadas ao longo desta introdução não eram corretas, sendo o exemplo mais frequente “ao parecer”, onde o autor queria dizer “ao que parece”. Esta imprecisão foi motivada pelo facto de o autor ter o castelhano como língua materna e, estando aqui a escrever em língua portuguesa, é compreensível que cometa algumas falhas, como veremos mais à frente, apesar de ter um nível de português bastante bom. Outras expressões que motivaram emendas da minha parte durante esta revisão deveram-se essencialmente a trocas da ordem das palavras, como por exemplo “entre outras muitas mudanças” em vez de “entre muitas outras mudanças”, ou simplesmente por não serem adequadas ao tipo de estudo mais académico que está a ser feito, por exemplo quando escreve, na página 79, “por causa de terem armado um escândalo” (cf. Anexo 1). Sugeri uma alteração para apenas para “por terem causado um escândalo”, pelo facto de a expressão original ser demasiado informal para este tipo de obra.

No que diz respeito aos textos de Francisco de Moraes, estes implicaram um pouco mais trabalho. As emendas feitas basearam-se quase todas nos critérios de edição para esta versão dos textos e, na sua maioria, foram ao nível das terminações verbais e acentuação. Relativamente às terminações verbais, o autor informa nos critérios de edição que a grafia destas foi atualizada, nomeadamente ao nível da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo. Por exemplo, atualiza-se a grafia de “chamão” para “chamam”. Ao longo dos três diálogos, há apenas quatro casos em que essa atualização na grafia não foi realizada, todos no primeiro diálogo, dando a entender que terá sido lapso do próprio autor, sendo essas as palavras: “erão”, “autorizavão”, “limpão” e “desprezão” (cf. Anexo

2). No que toca à acentuação, está também referido que foi atualizada segundo as normas do Acordo Ortográfico de 1990. Com isso em mente, os erros de acentuação nesta versão atualizada dos três diálogos devem-se, mais uma vez, ao facto de não ser o português a primeira língua do autor. Algumas das correções incluem: “dóem” > “doem”; “láminas” > “lâminas”; “crêr” > “crer”; “reáis” > “reais”.

Além disto, a grafia de certas palavras suscitou algumas dúvidas, especificamente a palavra “necidades”. De forma a confrontar essa dúvida, fiz uma pesquisa e deparei-me com uma versão digital da primeira versão impressa destes três diálogos em conjunto, disponibilizada pelo site da Biblioteca Nacional de Lisboa. No entanto, nessa versão, esta palavra está grafada como “necessidades”. Tendo depois contactado o autor, informou-me ele que não era gralha pois era assim que estava grafado no manuscrito utilizado como texto-base para esta edição crítica.

Finalmente, em relação à listagem de alusões históricas e ao glossário, a correção mais frequente foi da palavra “nobiliário”. Sendo esta a palavra espanhola para “nobiliárquico” e sendo o autor espanhol, trata-se de um erro compreensível. No glossário aparece também a preposição espanhola “en” no lugar da portuguesa “em”. Outras emendas feitas incluem à acentuação da palavra “outrém”, que pelo Acordo Ortográfico de 1990 deixa de ter acento; à acentuação da palavra “pentém”, cuja grafia correta é “pêntem”; à frase “foi o último que governou em Florença”, corrigido para “foi o último a governar em Florença”.

Após a revisão de toda a prova 4, verifiquei, juntamente com a minha supervisora, as emendas feitas, tendo-me sido permitido enviar esta prova ao paginador para que todas as correções fossem inseridas.

2.2.2.2 Provas 5, 6 e 7

Inseridas todas as emendas anotadas, foi-me enviada pelo paginador a prova 5 deste livro. Sendo que a maior parte das correções foram feitas na prova 4, juntei neste ponto todas as provas posteriores até à primeira prova tipográfica apenas pelo motivo de as correções feitas nestas três provas não terem sido particularmente extensas, não havendo, além disso, nada de significativo a anotar relativamente aos cotejos, tendo as

emendas feitas ao longo destas provas sido inseridas sempre corretamente pelo paginador.

Começando pela prova 5, para além de mais algumas pequenas emendas ao nível da pontuação (como a substituição de vírgulas por pontos finais, evitando que as frases ficassem com uma extensão demasiado longa), nesta prova concentrei-me particularmente nas notas de rodapé dos três diálogos, algo que na prova anterior não tive especial atenção. Nestas notas de rodapé, o autor mostra as diferenças textuais entre as várias versões de *Diálogo entre um Fidalgo e um Escudeiro*, *Diálogo entre um Cavaleiro e um Doutor* e *Diálogo em Estilo Jocosos entre uma Regateiro e um Moço da Estribeira*. No entanto, o problema encontrado em algumas destas notas é o facto de a grafia de certas palavras não coincidir com a atualização realizada pelo autor no texto corrido. Por exemplo, na página 108 da obra, a frase dita pelo Fidalgo “**cedo vireis à Trindade**” é uma atualização de “**cedo virejs aa trindade**”, grafia do manuscrito usado como texto-base para esta edição. A nota de rodapé correspondente, no entanto, diz o seguinte: “**cedo virejs aa trindade** L2: seedo vipeio a Trĩdade P: om.”, sendo que apresenta a grafia original em vez da atualizada, não correspondendo ao texto corrido (cf. Anexo 3). Esta questão repete-se ao longo das notas de rodapé dos três diálogos (cf. Anexo 4) e, por isso, inicialmente não prestei particular atenção a isso, pensando que seria deliberado. Nesta prova 5, acabei por decidir perguntar diretamente ao autor se esta não correspondência seria deliberada e, de facto, não era, sendo apenas um lapso por parte do autor ao esquecer-se de atualizar também a grafia das notas de rodapé. Assim, fiz essas correções e enviei a prova de volta ao paginador para que as inserisse.

Na prova 6, com as notas de rodapé emendadas, as únicas correções feitas tiveram a feita exclusivamente com duplas grafias, algo em que só reparei enquanto fazia o cotejo. Ao longo do estudo introdutório, as palavras “carácter” e “aspecto” estão grafadas algumas vezes com o C, e outras vezes sem. Neste caso, como segundo o Acordo Ortográfico de 1990 estas palavras podem apresentar ou não o C, decidi uniformizar estas palavras em “carácter” e “aspeto”, pelo simples motivo de serem as grafias mais frequentes ao longo do estudo, da listagem de alusões históricas e do glossário.

Finalmente, na prova 7 pude fazer umas últimas correções antes das artes finais serem enviadas para a gráfica para impressão das provas tipográficas. Aqui, deparei-me com dois erros na bibliografia: a palavra espanhola “ejemplar” (anexo) e “un” (anexo), grafadas mais uma vez motivadas pela língua materna do autor. Encontrei, também, mais uma dupla grafia, desta vez num nome: Manoel Carvalho foi quem editou pela primeira vez estes diálogos, em 1624. Na referência a Manoel Carvalho, nomeadamente na bibliografia, o primeiro nome está grafado como “Manuel”. Mais uma vez, recorri ao autor de forma a ter certeza absoluta que a forma correta seria “Manoel”, tendo o autor respondido o nome correto é, realmente, “Manoel”. Feitas e aprovadas as correções, enviei o PDF desta última prova ao paginador para serem inseridas e, feito depois o cotejo e confirmado que todas as emendas foram corretamente inseridas, foi permitido ao paginador que enviasse as artes finais para a gráfica para a elaboração das provas tipográficas.

2.2.2.3 Provas Tipográficas, Prova 8, Segundas Provas Tipográficas e Publicação

As provas tipográficas chegaram à editora cerca de uma semana depois do envio das artes finais para a gráfica. Apesar de erros gráficos não serem particularmente frequentes, esta prova tipográfica tinha bastantes e graves. O erro mais grave encontrava-se no texto da contracapa: todas as maiúsculas passaram a minúsculas e os espaços desapareceram praticamente todos, assim como os itálicos. Para além disto, algumas páginas não se encontravam numeradas. Acabei por fazer uma verificação atenta de todo o livro, de forma a garantir que, caso existisse mais algum erro de nível gráfico, este fosse devidamente anotado. No entanto, durante esta verificação, deparei-me com mais um erro correspondente ao nome “Manoel Carvalho” numa nota de rodapé do estudo introdutório, em que neste caso estava grafado “Manuel de Carvalho”, não havendo mais erros gráficos para além dos já referidos. Nesse mesmo dia, todos estes erros foram comunicados ao paginador e, apesar de estes terem sido da parte da gráfica (exceto o relativo ao nome “Manuel de Carvalho”), acabou por ficar decidido que se faria uma oitava prova para garantir que qualquer possível erro não viria da parte da editora.

Com todos os erros e emendas apontados na própria prova tipográfica, esta foi dada ao paginador que, por sua vez, enviou uma prova 8 em que a única correção inserida havia sido aquela sobre “Manuel de Carvalho”, informando que o problema da desformatação do texto de contracapa não tinha sido da sua parte, confirmando que algo se terá passado com a própria impressão na gráfica. Acabei por fazer mais uma revisão sobre esta prova 8, não encontrando mais erros ou incorreções. No entanto, algo que me escapou e que foi nesta fase sugerido pela minha supervisora foi fazer uma verificação de todos os links para sites que o autor coloca quer na bibliografia, quer em algumas notas de rodapé e ver se há algum já desativo. Foi, de facto, uma ótima sugestão, sendo que três dessas páginas de internet já não estavam ativas. Assim, transmiti essa informação ao autor com os links em causa, pedindo que enviasse links atualizados, se fosse possível, sendo que o autor respondeu que, se não estavam ativos, o melhor seria mesmo eliminar. Assim sendo, fiz notas sobre esses três links a eliminar e enviei esta prova revista ao próprio autor para que ele mesmo confirmasse se, da sua parte, tudo estava em ordem. Com resposta afirmativa, e após mais uma verificação juntamente com a minha supervisora, a prova 8 revista foi então enviada ao paginador.

As artes finais foram, mais uma vez, enviadas à gráfica, que imprimiu mais uma prova tipográfica. Desta vez, estava tudo em ordem com o livro a nível gráfico e foi autorizada a impressão dos 550 exemplares planeados para esta primeira edição. Ainda verifiquei, juntamente com a minha supervisora e uma colega, alguns destes exemplares de forma a garantir que nada de errado se havia passado com a impressão. Com a editora satisfeita com o trabalho impresso, e depois de todas as complicações nesta fase final da edição, *Diálogos* de Francisco de Moraes (edição crítica de Aurelio Vargas Díaz-Toledo) pôde, finalmente, seguir para publicação, tendo sido esta obra distribuída para a loja da universidade do Porto e para a plataforma WOOK.

2.3 *Paráfrase e Concordância de algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso de D. João de Castro (edição crítica de João Carlos Serafim)*

Após completar o trabalho no *Diálogos*, foi nesta obra que me centrei. Mais uma vez, foi um trabalho essencialmente textual, apesar de apenas numa fase inicial pelo facto de o meu estágio ter chegado ao fim antes de poder avançar para a fase posterior

das provas. Esta fase inicial de trabalho foi a fase de pré-paginação, em que a editora recebe os ficheiros para o livro em documento Word, que neste caso estavam separados em índice, introdução, texto original e bibliografia. Aqui, fiz uma revisão concentrando-me em uniformizar o texto consoante os critérios e normas utilizados pela editora, que incluem verificar a existência de espaços duplos e espaços antes de pontuação e a utilização de aspas curvas e não de aspas angulares, para além da normal correção de erros e gralhas. Tive também de organizar os ficheiros pela ordem correta e elaborar uma ficha técnica e folha de rosto para, depois, enviar tudo para paginação.

Esta obra é mais uma edição crítica, desta vez sobre *Paráfrase e Concordância de algumas Profecias de Bandarra*, texto que por sua vez já pode ser considerado uma edição crítica de D. João de Castro às trovas sebásticas de Gonçalo Annes Bandarra em que o neto do vice-rei da Índia insere extensos comentários, interpretando estas trovas como profecia do regresso de D. Sebastião após o seu desaparecimento em África, sendo esta a primeira edição impressa e publicada das trovas de Bandarra, no ano de 1603, sendo que uma segunda edição chegaria apenas cerca de 200 anos depois. Tendo as trovas originais sido compostas na primeira metade do século XVI, haviam sido proibidas pela Inquisição e o seu autor acusado de judaísmo pelo cariz messiânico das suas profecias.

Nesta nova edição de João Carlos Serafim, inclui-se um índice no início da obra, um extenso e completo estudo introdutório onde é oferecida ao leitor uma contextualização histórica e social da primeira edição de D. João de Castro, concluindo com os critérios de edição utilizados nesta edição crítica. Está também incluída uma bibliografia atualizada.

2.3.1 Pré-paginação

Como já referi acima, esta é a primeira fase de trabalho sobre os textos que a editora recebe. Nesta fase, o trabalho de revisão é feito nos próprios documentos de Word e, feita a revisão, os ficheiros são enviados de volta ao autor para que ele próprio possa verificar as correções e sugestões feitas e aprová-las. Só depois disso é que são enviados os ficheiros ao designer gráfico/paginador para que os documentos Word

sejam combinados num mesmo ficheiro PDF e, conseqüentemente, seja feita a paginação. Depois disso, o paginador envia o ficheiro PDF para a editora, constituindo-se a primeira prova do livro, sendo que a pré-paginação não conta como prova. Importa referir que a U.Porto Edições pede que os documentos Word enviados pelo autor estejam já consoante as normas textuais da editora, acabando, muitas vezes, por não ser necessário que seja o revisor a realizar essa uniformização de acordo com os critérios da editora, sendo que no caso desta obra foi.

Assim, ao longo do estudo introdutório, o essencial das correções realizadas foi mesmo ao nível das aspas angulares (que devem ser curvas) e duplos espaços. Foram feitas, também, algumas correções na pontuação, nomeadamente na colocação de vírgulas, e em gralhas ou lapsos, por exemplo em “deste” quando deveria ser “desde”. Outras questões que se levantaram nesta revisão tiveram a ver com: a grafia do nome “Pêro Roiz Soares”, que aparece grafado de várias formas ao longo do texto (cf. Anexo 5). Sendo essencial a uniformização, foi esta uma das dúvidas apresentadas ao autor; os títulos nobiliárquicos aparecem grafadas ora com a letra inicial minúscula, ora maiúscula; algumas palavras, como “autoconvencendo”, despertaram-me algumas dúvidas relativamente à grafia correta, não sabendo ao certo se, segundo o Acordo Ortográfico de 1990, esta palavra seria hifenizada ou não. Neste sentido, posso dizer que este texto me deu bastante ajuda no que ao entendimento do Acordo Ortográfico de 1990 diz respeito.

Relativamente ao próprio texto de *Paráfrase e Concordância de algumas Profecias de Bandarra*, o maior número de correções incidiu em gralhas, por exemplo “emeda” em vez de “emenda” e “dedição” em vez de “dedicação”, em duplos espaços e espaços antes de vírgulas e na acentuação de algumas palavras, por exemplo “infiéis” que aparece grafada “infiéis” ou “cortes” grafada “côrtes”. Existia, também, algumas incongruências na utilização de maiúsculas, sendo disso exemplo a grafia de “alentejo” e “língua Portuguesa”, algo que nos critérios de edição o autor refere, dizendo que se tentou dar coerência ao uso de maiúsculas e minúsculas. Desta forma, achei pertinentes as correções feitas a esse nível. Outras correções prenderam-se com a dupla grafia de “traz”, aparecendo também grafado como “tráz” e “trás”, e a dupla grafia da palavra “testemunho”, também grafada como “testimunho”.

Após uma revisão destas emendas em conjunto com a minha supervisora, enviei um email ao autor desta edição crítica incluindo estes documentos Word corrigidos e onde apresentei as dúvidas acima referidas. Além disto, também foi importante informar o autor que as imagens por si colocadas no próprio documento teriam de ser enviadas à parte e apenas seriam colocadas mais tarde pelo paginador. Dias mais tarde, a resposta do autor incluiu um pequeno documento com alguns esclarecimentos e alterações que ele próprio quer inseridas no texto e que me escaparam, como a inserção de vírgulas em algumas enumerações e correções nos critérios de edição. Relativamente às minhas questões, o autor refere, para o caso da dupla grafia de “testemunho”, que, na verdade, a palavra aparece sempre grafada com *i* no texto original e é assim que pretende manter, sendo necessário corrigir as ocasiões que está grafada com *e*. Na dupla grafia da palavra “traz”, o autor confirma que é esta a forma que pretende. No que diz respeito à palavra “bênçoes”, que corriji para “bênçãos”, está também grafada com *-ões* no texto original, mantendo-se sob essa forma nesta edição. Sobre as várias grafias de “Pêro Roiz Soares”, esta é de facto a forma correta, sendo necessário corrigir todas as ocasiões em que o nome está grafado de forma diferente.

Inseri todas as correções e alterações que o autor apresenta neste documento, ficando a faltar apenas elaborar a ficha técnica e a folha de rosto antes de enviar todos os ficheiros para paginação. Para elaborar a ficha técnica, baseei-me na ficha técnica de *Diálogos*, por se tratarem estes de dois livros de uma mesma coleção, deixando naturalmente em branco a secção que diz respeito ao ISBN e depósito legal, que serão mais tarde inseridos pelo paginador.

Com tudo em ordem, os ficheiros organizados e revistos e já com folha de rosto e ficha técnica, tendo a aprovação da minha supervisora, pude enviar tudo ao paginador para que pudesse tratar o texto e elaborar a primeira prova desta obra, sobre a qual já não trabalhei por ter chegado ao fim este estágio curricular.

Conclusão

Este estágio curricular realizado na editora U.Porto Edições foi extremamente importante a nível pessoal e profissional. Não só me permitiu que terminasse a minha formação académica, pondo em prática alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo da parte letiva do mestrado, como também permitiu que tivesse o primeiro contacto com o universo laboral, oferecendo-me, ao longo das 400 horas de estágio, bastante gosto e realização pelo trabalho que desenvolvi.

É certo que as tarefas que desenvolvi passaram apenas por um trabalho quase exclusivamente textual, mas não deixou de se tratar de uma experiência excecionalmente enriquecedora e positiva, que me permitiu ter uma ideia do que é o trabalho editorial especialmente numa editora de pequenas dimensões, apesar de se tratar de uma editora vinculada à Universidade do Porto. Além disso, o próprio trabalho textual que desenvolvi durante o meu estágio curricular levantou algumas dificuldades, ajudando-me a ganhar certa prática na resolução de problemas.

Durante o trabalho sobre *Diálogos*, a maior dificuldade encontrada prendeu-se essencialmente com o texto original, algo que ultrapassei não só através do contacto com o autor da edição crítica, como também através de alguma pesquisa que fiz, chegando à versão impressa de 1624 na qual me pude apoiar. Importa referir, também, os problemas que surgiram na fase final da edição, com os atrasos provocados pela gráfica e respetivas provas tipográficas, algo que chegou a provocar alguma confusão na editora. Sendo que a editora não trabalha sempre com a mesma gráfica, utilizando o procedimento do concurso e oferecendo os trabalhos de impressão à gráfica que menos cobrar por eles, ficou aqui evidenciado um problema relativo a esse método: apesar de um serviço de baixo custo, nem sempre se terá um resultado com a qualidade exigida e desejada.

Já sobre *Paráfrase e Concordância*, as dificuldades prenderam-se mais com o Acordo Ortográfico de 1990, com algumas palavras a suscitarem dúvidas relativamente à sua grafia. Nesse sentido, o trabalho sobre esta obra ajudou-me a melhor compreender este novo acordo ortográfico, passando mesmo a usá-la no dia-a-dia por

influência do trabalho que desempenhei. Além disso, permitiu-me também ser consideravelmente mais atento e mais crítico nas minhas próprias leituras, abordando os textos de forma diferente.

Apesar de ter a noção de que ainda não me é exequível definir ao certo o que é trabalhar numa editora, foi-me possível observar de perto e acompanhar o funcionamento de uma editora e como se desenvolve ali o processo de edição, desde o momento de receção dos textos até à publicação. Foi-me possível, especialmente, perceber que este é um processo muito variável: tanto pode correr bem como ser um percurso abundante em dificuldades e obstáculos. A um nível pessoal, trabalhando com pessoas bastante altruístas e sempre dispostas a ajudar e aconselhar, este estágio deu-me uma enorme motivação para de facto construir um percurso nesta área de edição e trabalhar de perto com os textos.

Em suma, o estágio curricular na U.Porto Edições desempenhou um papel importantíssimo não só na minha formação académica, mas também na minha formação pessoal, quer através das tarefas desempenhadas, quer pelas interações tidas com colegas, *designers* e autores. Ganhei um maior sentido de responsabilidade e uma noção mais nítida acerca do trabalho e dos processos desenvolvidos numa editora, ganhando também a certeza absoluta da vontade em trabalhar nesta área.

Bibliografia

MORAES, Francisco de, *Dialogos de Francisco de Moraes, autor de Palmeirim de Inglaterra. Com hum desengano de Amor, sobre certos amores, que o Autor teve em França com hu(m)a dama Francesa da Raynha Dona Leonor*, Évora, 1624. Disponível em: <http://purl.pt/14873>

MORAES, Francisco de, *Diálogos* (edição crítica de Aurelio Vargas Díaz-Toledo), Porto, U.Porto Edições, 2018.

PINTO, José M. de Castro, *Novo Prontuário Ortográfico*, Lisboa, Plátano Editora, 2011.

Acordo Ortográfico, Porto, Porto Editora, 2012.

Anexos

Anexo 1 – Prova 4, Página 79

À margem destas leis, alguma das quais é provável que seja contemporânea do texto de que nos ocupamos, a versatilidade e conduta destas mulheres, como dissemos, chamaram a atenção dos autores de teatro, que não duvidaram em utilizá-las para tirar partido do seu lado mais humorístico. Lembre-se a este respeito, por exemplo, o anónimo *Auto das regateiras de Lisboa, composto por hum frade loyo filho de húa dellas*⁵³, cujas respondonas protagonistas, Brázia Antunes e Domingas Nunes, não param de bradar e atroar com palavras malsonantes, especialmente após terem sido presas pelas autoridades competentes por causa de terem armado um escândalo com uma das suas criadas, Natália do Vale, que andava de amores com algum clérigo. Aqui também temos a sorte de conhecer, através das personagens, os nomes de algumas famosas e antigas regateiras que trabalharam na Ribeira, nomes como Antónia Lourença, Brázia da Talaya, Maria Briolanja, Alta Gonçalves, Grimaneza Jorge ou Margarida Vas, que terão sido muito populares nos inícios do século XVI.

Também o reputado António Ribeiro Chiado utilizou estas figuras numa das suas obras com um título similar, *Auto das Regateiras* (Lisboa, Germão Galharde, ca. 1536)⁵⁴, mais extensa e com um maior número de personagens. Situado num contexto político concreto, o da deslocação do rei para a cidade de Almeirim, que tinha provocado um aluvião de queixas por parte das regateiras por ter causado uma quebra no comércio da Ribeira como consequência da partida

vale pola terra e as padeiras que não fazem pão de peso que ha de ter conforme e Ordenação, o que huns e outros fazem por não estimarem a pena pecuniaria da Ordenação...".

53 *Auto das regateiras de Lisboa, composto por hum frade loyo filho de húa dellas* (1945). ed. de Silveira BUENO, Lisboa: Pro domo. Reeditado em São Paulo, Edição Saraiva, 1969.

54 António Ribeiro CHIADO, *Auto das Regateiras*, Lisboa, Germão Galharde, ca. 1536. Exemplar: Lisboa, Biblioteca Nacional, Res-218-12v (Digitalizado: <http://purl.pt/6932>). Também tivemos em conta a edição seguinte: António Ribeiro CHIADO, "Auto das regateiras", em *Obras do poeta Chiado*, colligidas, anotadas e prefaciadas por Alberto PIMENTEL, Lisboa: Of. Typ. da Empresa Literaria de Lisboa, 1889, pp. 49-95. Uma outra ótima edição é: António Ribeiro CHIADO, *Auto das regateiras*, ed. de Giulia LANCIANI, Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1970.

Anexo 2 – Prova 4, “autorizavão” e “limpão”

obras¹²⁸ por onde se ela¹²⁹ há-de merecer e ganhar, porque não teve quem representasse suas obras, ou lhe foi a ventura tão adversa que morreo em seu ofício, não quereis que se fale nele¹³⁰? E se viveo, ficaram-lhe¹³¹ os perigos por galardão e o nome por vitupério. E quando Deos queria, daqui se faziam os duques e os¹³² outros estados de que os reinos estão¹³³ cheos, porque¹³⁴ as obras¹³⁵ de um escudeiro, se tinham merecimentos¹³⁵, não lhe tiravam¹³⁶ seu preço murmurações de fidalgos nem eles queriam usar disso; antes com a¹³⁷ autoridade de suas pessoas **autori-zavão** com palavras as obras de quem as tinha tais que lhe não falecia mais que quem as representasse, o que agora não vemos em nenhum de vós, senão ocupados de enveja dos feitos alheos trabalhai por aniquilá-los. E se por caso alguma hora os louvais, é com tal som que não passa de dez mil de tença. E para prova disso¹³⁸, olhai que neste nosso Portugal a cousa com que mais injúria cuidais que fazeis a um homem é com chamar-lhe¹³⁹ *escudeiro*; e¹⁴⁰ até nisto¹⁴¹ empeceis a vós mesmos, porque já não há algum¹⁴² que se não chame fidalgo. Enfim, queria-vos ver de vantagem dos outros homens, sofridos nos accidentes, esforçados¹⁴³

128 obras *Sar*: obrar
129 ela *Lz Evo Sar*: *om.*
130 nele *Lz*: nelles
131 ficaram-lhe *P*: ficarlhehã
132 os *Sar*: *om.*
133 estão *P*: são
134 porque *P*: e porque
135 merecimentos *Li P*: merecimt⁹
136 tiravam *P*: tiraua
137 a *Li*: *om.*
138 disso *Li*: disto
139 chamar-lhe *Li*: lhe chamar *P*: chamardeslhe
140 e *Li P*: *om.*
141 nisto *P*: nisto
142 algum *Li*: quem *P*: nenhum
143 esforçados *P*: e esforçados

à Rua Nova parecem¹⁹⁶ vêm¹⁹⁷ envergonhados, metendo a vista por elmo de muito embuçados, a lama¹⁹⁸ muito grande, gualdrapa de três mudas como gavião, furada por mais lugares que um crivo de Alentejo, e fas cortezia com a cabeça por se não descompor¹⁹⁹, e anda de amores com qualquer mulher solteira, e vota a Deus que leva nas mãos quantas damas há no paço de²⁰⁰ discreto e de²⁰¹ galante. A²⁰² este tal dar-lhe-eis licença que possa zombar?

FIDALGO Esse²⁰³ tal lancem-no aos liões, encampem-no²⁰⁴ aos escudeiros; decerão a ele como pardais sobre mocho.

ESCUDEIRO Mas quantos há de vós outros em quem isto pode caber, se²⁰⁵ quisésseis conhecer-vos?

FIDALGO Mas²⁰⁶ quanto²⁰⁷ perigo é tornar-se²⁰⁸ homem com um escudeiro refinado que se abruquela²⁰⁹ por²¹⁰ todas as partes²¹¹ que²¹² por nenhũa o achareis em²¹³ descoberto. Já sei que sois tão provido²¹⁴ que tendes sempre na pousada marmelada de arrobe pera convidar os amigos, e dizeis que não ajam nojo, que a²¹⁵ fes molher muito limpa, e eles limpão a caixa, que

196 parecem *Evo Sar*: parece
197 vêm *L1 P*: om.
198 lama *P*: calma
199 descompor *L1*: descobrir
200 de *Sar*: por
201 de *L2 Evo Sar*: om.
202 A *L2 P Evo Sar*: om.
203 Esse *L1*: este
204 encampem-no *L1*: câpeeno
205 se *L1*: e se
206 Mas *L1*: om.
207 quanto *L1 P*: quamanho
208 tornar-se *L1 P*: tomarse
209 abruquela *P*: aburquella
210 por *L1 P*: de
211 partes *Evo Sar*: partes de maneira
212 que *P*: e
213 em *P*: om.
214 provido *L1*: prouidos
215 a *L2 Evo Sar*: o

Anexo 3 – Prova 5, “Cedo vireis à Trindade”

- FIDALGO** Assim que quereis que vos diga donde vem a fidalguia? Sabei¹¹⁰ que vem dos reis, e se não, olhai os brasões das linhagens antigas e vereis donde procedem¹¹¹.
- ESCUDEIRO** E os reis, donde procedem¹¹²?
- FIDALGO** **Cedo vireis à Trindade**¹¹³. Mudai a prática de meu concelho, que se esse¹¹⁴ caminho levais, asinha¹¹⁵ vos dará o vao pela orelha.
- ESCUDEIRO** Já sei que receais¹¹⁶ o fim deste negócio e defendei-lo¹¹⁷ com escusas. Donde vindes? De lá vimos, e¹¹⁸ porém, a fidalguia, que os antigos chamaram nobreza, era nome de preeminência tamanha que a quem ficava de pai a filho, por duas cousas se alcançava: ou por obras imortaes dignas de fama e glória¹¹⁹, ou por vida caleficada¹²⁰ em virtudes. E¹²¹ quem estas ou cada uma delas não tinha, não tão somente carecia do nome de seus passados¹²², mas ainda ficava tido por infame. E vós agora quereis que a nobreza vos fique por herança e património, não¹²³ curando das calidades com que se deve de¹²⁴ alcançar ou com que se deve¹²⁵ conservar¹²⁶. E¹²⁷ o pecador do escudeiro, que do berço começou a merecê-la seguindo os próprios passos e

110 Sabei P: A fidalguia sabei
111 procedem L1: procede
112 procedem L1: vieram P: vierão
113 **cedo vireis à trindade L1: seado vireis à Trindade P: om.**
114 esse L1: este
115 asinha L1: a poucos passos
116 receais L1: releais
117 e defendei-lo P: defendello
118 e L1 Evo Sar: om.
119 e glória L1 P: gloriosa
120 caleficada L1: qualificada
121 E L2: e em
122 passados L1: átepassados
123 não L1: e não
124 de L1 P Evo Sar: om.
125 de alcançar ou com que se deve Sar: om.
126 se deve conservar L1 P: se hade conseruar
127 E L1: em P: om.

Anexo 4 – Não correspondência entre texto e notas de rodapé

empecer, empecéis-lhe²⁹⁷ com ^{296v} desdém, praticai-las com desprezo, e com aquilo cuidais que lhe fazeis guerra. Se um escudeiro é músico, o²⁹⁸ outro cavalgador e²⁹⁹ alguns discretos³⁰⁰, manhosos, galantes, ou têm algumas manhas per que se devam estimar, não há³⁰¹ paciência que vos ensine a sofrê-lo. Queixais-vos da natureza, que repartio³⁰² mal suas graças, e haveis que nos outros homens são perdidas e que postas em vós outros seriam de todo ganhadas³⁰³. Se entendeis que vos entendem, sofrei-lo muito peor, quereis³⁰⁴ que tenham os espíritos grossos e os intendimentos ignorantes. E³⁰⁵ já que não pode ser, quereis-lhe prender os pensamentos, que não possam julgar de vós segundo vossas inclinações.

FIDALGO E³⁰⁶ achais que nisso não temos muita razão? Há i³⁰⁷ maior mal ou pode ser mor desgosto que haver³⁰⁸ homem³⁰⁹ de cuidar³¹⁰ que, o que fidalgos **falam** de segredo³¹¹, queiram escudeiros estar³¹² perafuzando na praça, e³¹³ com suas sutilezas hirem³¹⁴ sempre dar no certo? E daqui veo às regateiras terem certas profecias pela comonicação que

297 empecéis-lhe Sar: empecéis-lhes

298 o L2 P Evo Sar: om.

299 e P: om.

300 discretos L1: e discretos

301 há P: hahi

302 repartio L1 P: reparte

303 e que postas em vós outros seriam de todo ganhadas L2 Evo Sar: om.

304 quereis P: que quereis?

305 E P: om.

306 E P: om.

307 hí L1: ahj P: hay

308 haver P: ver

309 homem L1: om.

310 de cuidar P: om.

311 **falão** de segredo L1: de segredo tratã

312 escudeiros estar L1: estar escudeiros

313 e P: om.

314 hirem P: e irem

de escudeiros e a menos, de reis, e não vos lembra que tem isto outros descontos, que vos eu não quero dar por não gastar mal o tempo. Sei-vos dizer que, se vos não tirarem o ler, que⁴²⁵ não haverá quem vos sofrá, e se pera regimento da República é forçado que alguns **escrevam**, consinto que para tabaliães os dexem aprender⁴²⁶.

ESCUDEIRO Não é muito que vos peze de nós lermos e⁴²⁷ escrevermos tam bem, pois o vós fazeis tão mal que até não saber bem ler e⁴²⁸ escrever is achar que é fidalguia, e não haveis dó dela em a querer autorizar com aquilo, que em toda a pessoa é⁴²⁹ tacha. Mas quizera que a troco de quantos príncipes⁴³⁰ me nomeais, que⁴³¹ se fizeram de escudeiros, que désseis⁴³² um par⁴³³ que se fisessem⁴³⁴ de fidalgos. E contudo, pois o que eu tinha para dizer, por mim o⁴³⁵ dissestes vós primeiro; não tenho que vos responda⁴³⁶ senão agradecer-vo-lo.

FIDALGO Ora falemos em al. **Tende aí o**⁴³⁷ ponto. Já sei que sois elegante; tendes boa eloquência, por isso mudemos a prática. É horas⁴³⁸ de cavalgar. Tenho a mula à porta. Moço, toma esse rabo e⁴³⁹ perdoai-me, que vou diante. Que vos custou esse cavalo?

425 que L1: om.

426 Sei-vos dizer que, se vos não tirarem o ler, que não haverá quem vos sofrá, e se pera regimento da República é forçado que alguns **escrevão**, consinto que para tabaliães os dexem aprender *Evo Sar: om.*

427 lermos e L1 L2 P: om.

428 ler e L1 L2 P: om.

429 é L1: se

430 príncipes *Evo Sar: om.*

431 que P: om.

432 désseis L1: deis P: dissesteis

433 par L1: om.

434 fisessem L1: fizesse

435 por mim o L1: om.

436 vos responda L1: uos dizer P: responder

437 **Tende ahhi o** L1: atee hy P: tende hi

438 horas L1 *Evo Sar: hora*

439 e P: om.

proviam no⁵⁸¹ porvir, que até Túlio, que nas letras foi único
 e⁵⁸² na paz governou por excelência, olhai na guerra que
 mostras deo de si. Enfim, sabeis⁵⁸³ que tão contrárias são
 as armas das letras e dos juízos mui aparelhados a elas
 quanto o⁵⁸⁴ é a guerra da paz. E porém, deixando cousas
 de longe, digo, senhor doutor, que nunca vistes o rosto
 ao Xarife, que se lho virdes, meter-vos-eis num çapato.
 Estudais na pousada metido em bérneo e pelica do carnas
 para dentro, fugareiro antre as pernas, com prego lançado
 nele para **que** gaste a humidade **<dele, digo>** do **carvão**,
 não gere a dor de cabeça, carapuça de orelhas com botão
 debaixo da barba e trinta arraténs de cara, pucas de linho
 por dentro⁵⁸⁵, e temeis-vos do sereno e, sobretudo, rapais
 as unhas e estais condenando. Guarde-vos Deos de ver
 capitão⁵⁸⁶ no campo, bandeiras despregadas, touca muito
 foteada, azaguaia comprida com fains⁵⁸⁷ mais agudos e⁵⁸⁸
 reluzentes que os⁵⁸⁹ espelhos, e o perro que o⁵⁹⁰ abrande
 junta-lhe⁵⁹¹ o conto com a ponta⁵⁹², e⁵⁹³ apegais-vos às
 comas, ourinais pela cela, e ouxalá parasse aqui a cousa;
 e⁵⁹⁴ se escapais com vossa honra, vindes ao reino, entraís

581 no L1: o

582 e L1: om.

583 sabeis L2: om.

584 o L1: om.

585 fugareiro antre as pernas, com prego lançado nele para **q** gaste a humidade **<delle, digo>** do **carvão**, não gere a dor de cabeça, carapuça de orelhas com botão debaixo da barba e trinta arraténs de cara, pucas de linho por dentro L2: dentro

586 capitão L2: capilhar Evo: capilar

587 fains L1: faim

588 agudos e L1: om.

589 os L2: om.

590 o L1: a L2: om.

591 junta-lhe L1: ajuntarlhe

592 a ponta L1: o ferro

593 e L1 L2: om.

594 e L1: q

Anexo 5 – “Pêro Roiz Soares”

alguns... Na sua interpretação, D. João de Castro – que era «um homem de letras» e apoiante do partido de D. António – tinha como objetivo «revolver o reino de Portugal» e «danar os ânimos»... A conclusão que Luís Coutinho tira no próprio depoimento – visto que os inquiridores queriam saber quem seriam os divulgadores e protetores daquela literatura sebástica – é a de que, com toda a certeza, D. Manuel de Castro era uma das pessoas que, em Lisboa, tinha o *Discurso*: por um lado, era irmão do autor, por outro, constava-se que D. João de Castro estivera em sua casa depois de o escrever¹⁵⁵...

Pêro Roiz Soares testemunha também a chegada do *Discurso* a Portugal – «a cabo de dous annos e m^o veio hum compendio a esta cidade feito por hũ dom Ioaõ de castro que la

¹⁵⁰ D. João de CASTRO, *Discurso da Vida...*, p. 120 v.

¹⁵¹ No *Segundo Aparecimento del Rey D. Sebastião* – obra, não datada, que teria resultado de uma súmula do *Discurso* e da *Ajunta*, e que pretendia traduzir para francês – sugere, também, uma reformulação do sétimo capítulo do *Discurso* com base na «Historia dos Xerifes» de Diogo de Torres – D. João de CASTRO, *Segundo Aparecimento del Rey D. Sebastião...*, p. 171.

¹⁵² D. João de CASTRO, *Advertência aos leitores sobre o Discurso, e Ajunta da Vida del Rey D. Sebastião*, B. N. L., na parte terminal do códice n^o 4377, p. 6 r. Também se retrata, de novo, relativamente à «historia dos xarifes», assim como reconhece ter trocado os nomes dos duques de Florença... – D. João de CASTRO, *Advertência aos leitores sobre o Discurso, e Ajunta...*, pp. 7 v.; 9 r.

¹⁵³ A. G. S., *Estado*, maço 197, p. [512].

¹⁵⁴ A. G. S., *Estado*, maço 197, p. [513].

¹⁵⁵ A. G. S., *Estado*, maço 197, p. [513]. Luís Gonçalves Coutinho não estava na posse de todos os dados... Como já vimos, D. João de Castro esteve em Lisboa em meados de 1601, quando ainda não tinha composto o *Discurso*... – D. João de CASTRO, *Discurso da Vida...*, p. 118 v.

período recheado de contrariedades... Logo depois do «reconhecimento», gerou-se uma acesa alteração sobre a forma como o levariam para Portugal¹⁵⁶. Todo o grupo concordou com o parecer de D. João de Castro, que entendia que o melhor era levarem-no para Livorno e, de lá, embarcarem para a Provença onde conseguiriam proteção. Para fazer este caminho, era sua opinião que se arranjasse «hũ estrangeiro fidelissimo», de preferência religioso, que o levasse, em «hábito de frade, de convento em convento»¹⁵⁷. Os portugueses, entretanto – por serem todos muito conhecidos e constantemente acompanhados por espiões¹⁵⁸ –, continuariam em Veneza no sentido de dissimular o estratagema, dando a entender que ainda o tinham

¹⁵⁶ H. Eric R. OLSEN, *The Calabrian Charlatan, 1598-1603: Messianic Nationalism in Early Modern Europe*, Palgrave Macmillan, 2003, pp. 51-64.

¹⁵⁷ *Relaçõ delo que Fray Estevan (...) ha declarado...*, A. G. S., *Estado*, maço 197, p. 9 v.; [402].

¹⁵⁸ AA. VV., *Resposta...*, p. 168.

¹⁵⁹ Segundo **Pero Roiz Soares**, aquando da congeminação do plano para a fuga do «rei», muitas pessoas rondavam a porta da estalagem, entre as quais estaria o embaixador de Castela... – **Pero Roiz SOARES**, *Memorial...*, p. 369.

¹⁶⁰ D. João de CASTRO, *Discurso da Vida...*, p. 97 v.; D. João de CASTRO, *Tratado Apologético...*, pp. 252 v.-254 v.

¹⁶¹ D. João de CASTRO, *Discurso da Vida...*, p. 97 v.